

Rosivaldo Pires França

Preliminary study on the onomatopoeia and ideophones of the ikpeng language

This article presents a study on onomatopoeia and ideophones in the Ikpeng language whose people came to the region of the Xingu formers in the early twentieth century, when they lived in a state of war with their high-xinguan neighbors. For the preparation of this article, a bibliographic reading was made of the work of França (2017), in which the author collected 177 onomatopoeic/ideophone words present in 15 oral narratives with older speakers from the villages in order to describe the context of their use (onomatopoeia and ideophone) in texts. In addition to their derivational processes, they also describe the syntactic behavior, phonological characteristics and discursive functions that these elements may present in the language (emphasis, resumption, plurality, etc.), to this end, this article proposes to present a (re)analysis of the data contained in França (2017), as well as new contributions to such a study. For the preparation of this work, the studies of Pierce (2005), Saussure (2006), Melo (2007), Pachêco (2001), Lee (1992); Bartens (2000); Fordyce (1988), França (2017) and others were used as theoretical reference.

Um estudo preliminar sobre as onomatopeias e os ideofones da língua ikpeng

O presente artigo apresenta um estudo sobre as onomatopeias e os ideofones na língua Ikpeng cujo povo vieram para a região dos formadores do Xingu no início do século XX, quando viviam em estado de guerra com seus vizinhos alto-xinguanos. Para a elaboração deste artigo, foi feita uma leitura bibliográfica do trabalho de França (2017), no qual o autor fez uma coleta de 177 palavras onomatopaicas/ideofones presentes em 15 narrativas orais com falantes mais velhos das aldeias com o intuito de descrever qual o contexto de uso desses nos textos, atentando para os seus processos derivacionais, além disso, descreve-se, também, o comportamento sintático, as características fonológicas e as funções discursivas que esses elementos podem apresentar na língua (ênfase, retomada, pluralidade, etc.), para tanto, esse artigo, propõe-se a apresentar uma (re)análise dos dados contido em França (2017), bem como, novas contribuições para tal estudo. Para elaboração deste trabalho, utilizou-se como referencial teórico os estudos de Pierce (2005), Saussure (2006), Melo (2007), Pachêco (2001), Lee (1992); Bartens (2000); Fordyce (1988), França (2017) entre outros.

Keywords (Lato Semibold, 9pt, esp. 15pt)

Onomatopoeias. Ideophones. Narratives. Ikpeng Language

Palavras-chave

Onomatopeias. Ideofones. Narrativas. Língua Ikpeng.

1—Introdução

De acordo com Chagas (2013, p.27) a palavra Ikpeng, refere-se a um inseto muito bravo, utilizado em rituais de caça e guerra. Um outro significado refere-se à sua localização territorial. Esse povo, no decorrer dos anos passou por vários deslocamentos socioespaciais, sofrendo influências de várias culturas as quais mantinham contato.

CHAGAS (2013, p.30) cita Maia e afirma que “a população Ikpeng num período de 19 anos, teve um crescimento de mais 400%, passando de 67 para 279 indivíduos”. Segundo a FUNASA (apud CHAGAS op. Cit.), houve um crescimento entre os anos de 2001 e 2006, na qual era de 302 e 342, respectivamente.

A língua Ikpeng pertence à família Karib e é uma das famílias mais importante da América do Sul tanto pelo seu grande número de língua (40 a 60) quanto pela dimensão territorial, passando pelo Brasil, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Diante disso, tal trabalho, está dividido em três partes: i) introdução; ii) procedimentos metodológicos; iii) Fundamentação Teórica, sendo apresentado uma relação entre os dados e a parte teórica e iv) conclusão.

1.1—Procedimentos Metodológicos

Este artigo se propôs a fazer uma análise dos dados, a partir das bibliografias e teorias apresentadas por França (2017). Com isso, a metodologia utilizada para o desenvolvimento desse trabalho consistiu em uma:

- i. Análise bibliográfica do trabalho de França (2017);
- ii. (Re)análise dos dados: verificação da ocorrência dos aspectos de iconicidade e de arbitrariedade;
- iii. Apresentação de novos resultados, a citar o conceito de empréstimo linguístico presente em trechos das narrativas contidas em França (2017).

2—Fundamentação Teórica

2.1—Categorias Gramaticais: Ideofones e Onomatopeias

2.1.1—As Onomatopeias

Os primeiros trabalhos referentes às onomatopeias estão relacionados às línguas africanas, sendo posteriormente expandidos para as línguas indígenas, sobre as quais ainda há poucos estudos.

Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 254-255) define onomatopeia como:

Vocábulo que procura reproduzir determinado ruído, constituindo-se com os fonemas da língua, que pelo efeito acústico dão melhor impressão desse ruído. Não se trata, portanto, de uma imitação fiel e direta do ruído, mas de sua interpretação aproximada com os meios que a língua oferece. São no geral monossílabos frequentemente com reduplicação acompanhada ou não, de alternância vocálica; ex.: pum! – tic-tac, toc-toc. A estrutura fonológica das onomatopeias apresenta muitas vezes traços especiais [...]

Para Saussure (2006, p.83), as onomatopeias “não são elementos orgânicos de um sistema linguístico”, pois, para ele, este grupo de palavras seriam convenções linguísticas como outros léxicos e, ainda, classifica-as como “autênticas” (pois conseguem aproximar ruídos da realidade – por exemplo, tic-tac, miau, toc-toc, etc.)

Segundo Melo (2007, p.24) uma característica importante é o fato de elas possuírem uma relação íntima e dependente com o som, ou seja, essas representam, integralmente, o que expressam, então qualquer falante pode identificar o seu significado. Em contrapartida, dependendo da língua, algumas onomatopeias somente podem ser reconhecidas por falantes de um determinado idioma.

Guiraud (1980 apud LEITÃO 2012, p. 73), também corrobora com tal afirmação de Saussure, pois, segundo este autor, as onomatopeias seriam signos iconográficos e motivados, sendo assim, a essência desse signo linguístico é a convencionalidade, haja vista que a repetição e o reconhecimento de um novo termo caracterizam assim, uma nova convenção espontânea, processo pelo qual o interlocutor a interpreta fora do seu contexto.

Ainda para esse autor, as onomatopeias possuem uma motivação fonética, possuindo assim uma semelhança entre a forma fônica e o objeto representado, como exemplos desta motivação têm a representação dos sons dos animais como au-au, miau, cuco-cuco; sons de objetos tic-tac, toc-toc, etc.

Herculano (1970 apud LEITÃO 2012, p. 72), diferentemente dos outros autores, contraria a afirmação de Saussure, no que tange a arbitrariedade do signo, pois para este autor há uma relação entre significado e significante nas palavras onomatopeias, portanto, tais palavras seriam motivadas por uma convenção que a originou.

Entretanto, de acordo com Lima (1999 apud LEITÃO 2012, p. 72), em sua visão tradicionalista e gramaticeira sobre o conceito de onomatopeia, tal autor diz que elas não constituem palavras verdadeiras, pois justifica que:

(...) primeiro, por elas serem signos significativamente impossíveis de serem analisados; (...) porque, como são vistos (sic) como a representação global de uma situação real, seriam linguisticamente traduzidos (sic) por uma ou várias frases diversas, segundo as circunstâncias extremas particulares que as determinam (...) porque, em relação à primeira causa, não desempenham função na frase, não existe uma função sintática.

Outros estudos feitos por (LEITÃO 2012; SÁ NOGUEIRA, 1950) referem-se à classificação das onomatopeias, sendo divididas sob dois critérios: o morfológico e o genético. Sendo que o primeiro distingue as (i) “não-vocabulizadas”, ou seja, aquelas que possuem traços bastante próximos com os sons da realidade, mas não apresentam vocábulos na estrutura da língua, como exemplo Brrr! (som de sentir frio) e zzzz! (som de roncar ou de sonolência), percebe-se que tais palavras não possuem a organização fonológica padrão da língua, no caso da Língua Portuguesa CVC; e as (ii) “vocabulizadas”, que se referem àquelas que possuem uma ligação com a estrutura da língua, exemplos sobre essa classificação está presente em Catapimba! (uma possível representação de uma queda), Pocotó! (som do trotar do cavalo) e o Bam! (som do tiro) (LEITÃO, 2012, p. 74).

Quanto ao segundo critério, o genético, o autor divide as onomatopeias ainda em (i) fonéticas e (ii) fonético-ideológicas, sendo o primeiro tipo apenas uma imitação de um som, o mais próximo possível. Como exemplo, tem-se o

som do grilo (cri cri), o latido do cachorro (au au); enquanto que a fonético-ideológica se refere à imitações sonoras construídas a partir de frases ou vocábulos mais ou menos semelhantes aos que estão representando, como: bem-te-vi (som do pássaro bem-te-vi), tô fraco tô fraco (som da galinha de angola).

Interessante perceber que, assim como os ideofones, as onomatopeias podem representar sons da natureza, mas seu significado dependerá diretamente do tom, do timbre, da entonação, intensidade, repetição (SÁ NOGUEIRA, 1950 apud LEITÃO, 2012, p. 76)

Ainda sobre características das onomatopeias, Leitão cita Eguti (2001), que afirma que as onomatopeias podem apresentar lexicalização. Para essa autora existem:

- a. Sons imitativos produzidos acidentalmente pelos homens: são sons momentâneos e individuais;
- b. Onomatopeia propriamente dita: som significativo e significado permanente dentro de uma determinada comunidade linguística, como trimm, mémé, tlim-tlim;
- c. Forma lexicalizada ou palavras onomatopaicas: o significativo da onomatopeia desempenha uma função sintática na frase, pertencendo a alguma classe gramatical, segundo a autora, geralmente ou é um nome ou um verbo (EGUTI 2001 apud LEITÃO, 2012, p. 76).

Percebe-se que, em relação à última classificação, certos autores - como é o caso de Eguti (2001) - ainda, confundem os conceitos de onomatopeia e ideofone, pois dentre esses, o ideofone é aquela palavra que desempenha uma função sintática em uma oração, pois podem representar um verbo, advérbio, nome, adjetivo, como afirma Killian-Hatz (2001), Bartens (2000), Lee (1992), entre outros. Enquanto as onomatopeias são apenas representações dos sons presentes na natureza, possuindo um recurso discursivo dentro de seu contexto, o qual, também, pode ser desempenhado pelos ideofones; talvez, neste ponto esteja a confusão entre tais conceitos.

Outra classificação advém de Stephen Ullmann (1964 apud LEITÃO, 2012, p. 76), o linguista divide as onomatopeias em primárias e secundárias. As onomatopeias primárias seriam a imitação do som pelo próprio som, que teria a função de um eco, respeitando a fonética da língua em questão; nesta classificação predominam as onomatopeias não-vocabulizadas, puramente fonéticas e onomatopeias propriamente ditas - classificação essa exposta por Sá Nogueira e Herculado de Carvalho, respectivamente. Para Ullmann (op. cit.), estas onomatopeias podem, dependendo da língua, se tornar um verbo devido ao som que representam. Como um exemplo disso, temos na língua inglesa o som "Crack" (quebrar, arrebentar).

As onomatopeias secundárias são sons que lembram movimento, ação ou estado físico moral, o autor cita como exemplo "Quiver" (tremor), "Gloom" ("melancolia"), presentes na língua inglesa etc. Vale salientar que tais exemplos dependem da língua.

Outro aspecto de suma importância para o estudo das onomatopeias está relacionado com a ortografia. Mattoso Câmara (1968 apud LEITÃO, 2012, p. 78-79), afirma que não há uma forma estabelecida, ou seja, cada um escreve de acordo com sua intenção, um exemplo citado por Mattoso é o canto do galo que pode ser grafado "có-có-có!", "có-có-ró-có!", "cóóóócóróóóóó!", dependendo assim do efeito que o falante ou narrador pretende expor.

Um autor fundamental para o estudo das onomatopeias, Lee (1992), considera que estas e a mimesis ("imitação") são subcategorias dentro dos ideofones pelo fato de apresentarem um campo semântico bastante vasto e serem de suma importância na língua. Pois, a relação entre sonoridade e representatividade é bastante estreita, haja vista que as onomatopeias são a representação fiel e direta dos sons. Um aspecto importante e interessante, presente tanto nos ideofones quanto nas onomatopeias, é a reduplicação. Entretanto, Lee (1992, p. 112), aponta que tal aspecto não é exclusivo deles:

Reduplication is commonly observed in ideophones, it is not, however, an exclusive property of them as is the case with phonetic play, nor is it the case that all the ideophones undergo reduplication. (...) I will focus the attention on reduplications as an external trait of ideophones...¹

Lee (op. cit.) enfatiza que o jogo fonético possui mais relevância do que a reduplicação, pois está mais presente nas onomatopeias. Contudo para alguns autores, como Fordyce (1988) as onomatopeias representam um tipo de iconicidade transparente, portanto, para ele tanto a reduplicação quanto o jogo fonético são importantes para a iconicidade nas onomatopeias estando em maior ou menor grau.

Portanto, este artigo corrobora com a teoria da tríade (Símbolo, Signo e Ícone) proposto por Pierce e a teoria sobre a Arbitrariedade do signo de Saussure (2006), bem como as características propostas por Killian-Hatz (2001), Bartens (2000), Lee (1992)

2.1.2—Ideofones

O termo "ideofone" foi primeiramente definido por Doke (1935 apud VOELTZ & KILLIAN-HATZ, 2001), para quem se trata de "uma representação vívida de uma ideia em som. Uma palavra geralmente onomatopaica, que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio com respeito à maneira, cor, som, cheiro, ação, estado, intensidade".

Ainda segundo este autor, os ideofones possuem regras especiais de duração, tom, acento, que diferem do padrão ordinário aplicado às demais classes de palavras de uma dada língua. Em outras palavras, ele considera que os ideofones apresentam regras particulares.

Para Trask (1993), os ideofones são:

Uma classe de palavras gramaticalmente distinta, recorrente em certas línguas, que tipicamente expressam tipos de ação tanto sonoramente, quanto visualmente distintas. Nas línguas que os possuem, os ideofones são geralmente rígidos na forma, como quaisquer outras classes de palavras, embora, eles possam, às vezes, exibir características fonológicas excepcionais, isto é, segmentos não atestados em outras palavras. (p. 131-132).

¹ Tradução: A reduplicação é, comumente, utilizada em ideofones, não é, no entanto, uma propriedade exclusiva deles como é o caso com o jogo fonético, nem é o caso de que todos os ideofones sofrem reduplicação. (...) Vou concentrar a atenção nas reduplicações como um traço externo de ideofones.

Matthews (1997, p. 169), por exemplo, diz que ‘ideofones’ são uma classe distinta de formas caracterizadas pela estrutura fonológica que tende a ser peculiar aos próprios ideofones por padrões de ‘simbolismo sonoro’, estruturas reduplicadas, ou padrões tonais distintos”.

Segundo Crystal (1997), ideofone é um termo usado em Linguística e em Fonética para qualquer representação vívida de uma ideia em som, tal como ocorre com as onomatopeias”.

Embora pareça que os ideofones têm suas origens em onomatopeias, as pesquisas mais recentes sobre o assunto indicam que nem todo ideofone é necessariamente onomatopaico. Bartens (2000, p. 19-20) identifica três tipos de ideofones:

- a. Os intensificadores ou partículas exclusivas: ideofones mais dificilmente de serem associados a origens onomatopaicas;
- b. Os utilizados em construções quotativas, com ou sem auxiliar: ideofones mais frequentemente de origem onomatopaica;
- c. Os com significado independente: ideofones que não se encaixam nos grupos (a) e (b).

Para outros autores como Samarin (1991, p. 52) a expressividade se manifesta de diferentes formas no uso da língua, em que os ideofones são um “phenomenon found in a number of languages of the worlds distinguished phonologically from other words in the language whose semantics has to do with qualities of states, events, and so forth”, o que pode ser observado na língua Ikpeng, como será apresentado futuramente.

Outro traço característico presente nos ideofones é o segmento fonológico que, muitas vezes, não faz parte do segmento presente na língua, entretanto podem possuir funções semelhantes a outras palavras como qualidades de estado, eventos.

Com isso, Killian-Hartz (apud ARAGON 2014, p. 3) apresenta algumas características dos ideofones nas línguas do mundo:

- a. Sob o ponto de vista semântico, os ideofones são altamente marcados e expressam eventos e estados de percepção sensorial;
- b. Ideofones normalmente apresentam uma fonologia especial;
- c. Ideofones tendem a não se adequar aos padrões sintáticos comuns da língua;
- d. Ideofones estão comumente sujeitos aos processos de reduplicação;
- e. Ideofones são frequentemente usados na linguagem oral e tendem a apresentar efeito de dramaturgia.

Sobre as características propostas por Killian-Hartz, em relação ao item (b), podemos dizer que, segundo o autor, os ideofones possuem um sistema fonológico é particular, uma vez que os sons que formam os ideofones podem ser sons que não caracterizam a fonologia da língua, assim como possuem um padrão prosódico especial.

Por conseguinte, no item (c), os ideofones, como apontado por Childs (1994, p.188): “tight collocational restrictions also characterize ideophones. In languages where they co-occur with verbs or adjectives, ideophones usually occur with only one or two such items.”

No caso do item (d), os ideofones podem sofrer o processo de reduplicação, possibilitando a pluralidade nos nomes, intensidade e duração de ações.

Interessante e pertinente também à pesquisa de França está relacionado ao item (e), pois descreve o uso dos ideofones em narrativas e falas cotidianas, embora também possam ser atestados em poesias e poemas escritos. Sobre o item (e), Lee (apud ARAGON 1992, p. 4) acrescenta que:

ao falar das características semânticas, é possível identificar os ideofones por sua impressão perceptual, atribuída de acordo com o ponto de vista dos falantes sob o fenômeno envolvido. Desse modo, as palavras descritas como ideofones, podem representar som, cheiro, gesto e até mesmo atitudes (emoções), o que pode variar de língua para língua.

Tal autor expõe tais características no âmbito morfológico, fonológico semântico-discursivo. Em outras palavras, diz que os ideofones podem representar sonoramente coisas que tradicionalmente não possuem som, como cheiros, gestos e atitudes (diferença básica em relação às onomatopeias), conforme mencionado por Lee (op. cit.). Isso também é atestável na língua Ikpeng, conforme observamos em nossos dados, que serão apresentados oportunamente nas sessões seguintes.

Em suma, tal direcionamento está relacionado a iconicidade e/ou o simbolismo das palavras onomatopaicas. Diante de tais conceitos, propõe-se que as onomatopeias são icônicas, pois, nas palavras de Saussure, são motivadas pelo seu significante, ou seja, estão próximas à realidade enquanto os ideofones são simbólicos, pois, ao contrário das onomatopeias, não possuem uma relação com o que representam.

3—ANÁLISE

3.1—As Onomatopeias em Ikpeng

Na língua Ikpeng, como aponta França (2017), percebeu-se que algumas palavras onomatopaicas possuem uma relação sonora direta com a realidade, possuem uma distinção com a organização padrão da língua, distinguindo-as das demais palavras, possuem um processo de reduplicação e são palavras que correspondem à representação dos sons dos animais da natureza.

Os exemplos adiante nos remetem à tríade criada por Peirce (1894) para explicar a relação entre o signo linguístico – ícone, índice e símbolo –, em específico o ícone, relação a qual Peirce afirma que o ícone mantém uma relação de proximidade sensorial com o seu referente, representação do objeto. Desta forma, como afirma Guiraud (1980 apud LEITÃO 2012, p. 73), as onomatopeias seriam signos iconográficos e motivados, como observado em (1), (2), (3) e (4).

(1) Awoptontem	Tongyo	awon	an an	migetxi
awoptonte-m	Tongyo	awon	an an	mĩ-ge-txi
preparar-NMLZ	macuco	pena	som do macuco. ONOM	2-dizer-N.PAS

‘(O Paykure) deixou (a flecha) preparada com pena de macuco e disse para ela (imitá-lo): **an an**’.
(Retirado da narrativa “Origem da Flecha”)

(FRANÇA, 2017, p. 38)

(2) Ba	angkorelan	emreyum
ba	angkorelan	e-mreyum
som de tapa	<i>bater-PAS.IM</i>	3A-marido

'O marido dela bateu nas costas dela e (ainda) deu **um tapa**'.
(Retirado da narrativa "Sapo")

(FRANÇA, 2017, p. 38)

(3) Engnaptaygelan	atxing atxing
Ø-engnaptayge-lan	atxing atxing
3-espirrar-PAS.IM	som de espirrar.ONOM

'Ela (a menina) espirrou: **atxing atxing**'.
(Retirado da narrativa "Homens Brancos e índios")

(FRANÇA, 2017, p. 38)

(4) Ipnalĩ	re re re re	mĩgetxi
ipnalĩ	re re re re	mĩ-ge-txi
Ø-pedir-PAS.IM	som da onça.ONOM	2A-dizer-N.PAS

'(O Paukure) pediu (para a flecha) dizer/imitar (a onça): **re re re re**'.
(FRANÇA, 2017, p. 38)

Assim como em França (2017), pode-se afirmar, então, que as onomatopeias, em Ikpeng, possuem como característica fundamental uma relação bastante direta com o som à que elas representam principalmente os sons dos animais da natureza, como percebemos em Eree (som do macaco-aranha); Hew (som do guariba); Kok (som do macaco cantando); exemplos (5), (6) e (7), respectivamente. Percebe-se que, nesta língua, as onomatopeias, em contexto narrativo, podem apresentar uma função de intensificador discursivo, conforme apresentados nos exemplos (5), (6), (7) e (8), abaixo citados.

(5) Ereee ereee ereee	kenan
ereee ereee ereee	Ø-kenan
som do macaco-aranha.ONOM	2A-fazer-PROG

'Você (vai ficar) fazendo: **ereee ereee ereee** (imitando o macaco-aranha)'.
(Retirado da narrativa "Morcego")

(FRANÇA, 2017, p. 39)

(6) Mĩgetxi	hew hew hew hew
mĩgetxi	hew hew hew hew
2-fazer-N.PAS	som do guariba

'Você vai fazer: **hew hew hew hew** (imitar guariba)'.
(Retirado da narrativa "Morcego")

(FRANÇA, 2017, p. 39)

(7) Kok kok kok	tae
Som do macaco cantando.ONOM	macaco

'O macaco estava **cantando, cantando, cantando**'.
(Retirado da narrativa "Morcego")

(FRANÇA, 2017, p. 39)

(8) Kolok Kolok Kolok	imano
Som de tossir.ONOM	irmão

'O irmão (do Vagalume) **tossiu, tossiu, tossiu**'.
(Retirado da narrativa "Vagalume")

(FRANÇA, 2017, p. 39)

A repetição das onomatopeias notadas nos exemplos acima denota uma recorrência dos sons sendo produzidos, ou seja, intensidade; tal intensidade pode ser observada, também, no exemplo (5). Essa característica pode ser percebida com o prolongamento da vogal média alta anterior (e). Portanto, além das onomatopeias representarem os sons dos animais da natureza, em contexto narrativo ou conversacional, pode desempenhar a função de intensificadores discursivos, ou seja, realçam os conteúdos que estão sendo apresentados por seu narrador. Característica importante presente nas palavras onomatopaicas refere-se à reduplicação e ao jogo fonético, entretanto Lee (1992, p. 112), aponta que tal aspecto não é predominante nos Ideofones:

Reduplication is commonly observed in ideophones, it is not, however, an exclusive property of them as is the case with phonetic play, nor is it the case that all the ideophones undergo reduplication. (...) I will focus the attention on reduplications as an external trait of ideophones

Para Melo (2007, p. 34) "a reduplicação é uma das estratégias mais utilizadas para se chegar a iconicidade". Como bem afirmou Fordyce (1988), as onomatopeias representam um tipo de iconicidade transparente. Para melhor exemplificar, seguem abaixo alguns exemplos (9), (10), (11) e (12) nos quais são atestados tais características:

(9) **Kik kik kik**

Som de risada.ONOM

‘Hahahaha’.
(Retirado da narrativa “Mel”)

(FRANÇA, 2017, p. 40)

(10) **Haaa** Txot ugun Omyo.
haaa!

Som de gritar. som de se soltar.ONOM 3 Omyo
ONOM

‘Ele, o Omyo, gritou e se soltou (da árvore)’.
(Retirado da narrativa “Omyo”)

(FRANÇA, 2017, p. 40)

(11) **Mot mot** mĩ-ge-txi

mot mot mĩ-ge-txi

som do bacurau.ONOM 2A-fazer-N.PAS

‘Você vai fazer: **mot mot** (imitar o som do bacurau)’.
(Retirado da narrativa “Morcego”)

(FRANÇA, 2017, p. 40)

(12) **Tit bik tit bik**

Som do porco do mato.ONOM

‘(Os porcos do mato desfilaram fazendo): tit bik tit bik’.
(Retirado da narrativa “Morcego”)

(FRANÇA, 2017, p. 41)

Esta estratégia também não pode deixar de ser considerada, pois é por meio dela e do jogo fonético as onomatopeias apresentam um maior grau de iconicidade, afinal o falante, ao emitir o som de forma expressiva, transmite ao interagente a expressividade proposta pela narrativa. Segue abaixo alguns exemplos de onomatopeias que possuem a função de reforço para o enunciado do narrador, neste caso para o “contador” da história.

(13) Engnaptaygelan **atxing atxing.**

Ø-engnaptayge-lan atxing atxing

3-espírrar-PAS.IM som de espírrar.ONOM

‘Ela (a menina) espírrou: **atxing atxing**’.
(Retirado da narrativa “Homens Brancos e Índios”)

(FRANÇA, 2017, p. 41)

(14) **Ba** amokelan emreyum

ba amoke-lan emreyum

som de tapa.ONOM bater-PAS.IM 3A-marido

‘O marido dela **deu um tapa** a bateu (com galho de pitomba)’.
(Retirado da narrativa “Mel”)

(FRANÇA, 2017, p. 41)

(15) Pain **petxat petxat petxat.**

querida/amiga som de tirar fio.ONOM

som do bacurau.ONOM 2A-fazer-N.PAS

‘Querida/amiga, (a esposa) estava **tirando fio** (de tucunzinho)’.

(FRANÇA, 2017, p. 42)

(16) **Bogong bogong** pong

som de nadar.ONOM som de aproximar da beira.ONOM

som do bacurau.ONOM 2A-fazer-N.PAS

‘(O Wogya) **nadou** e se aproximou da beira (do rio)’.
(Retirado da narrativa “Homens Brancos e Índios”)

(FRANÇA, 2017, p. 42)

As onomatopeias, além de apenas reproduzir sons “reais” do ambiente ou da ação, também podem criar efeitos dramáticos como observado no exemplo (14), podendo “mostrar determinação” efetivada pelo personagem. Assim, verifica-se que os fonemas utilizados e sua sequência não são aleatórios, mas sim procuram reproduzir as características sonoras dramáticas dos eventos ocorridos. Por exemplo, utilizar fonemas oclusivos para representar ações mais bruscas/fortes, neste caso o fonema oclusivo bilabial sonoro /b/, como o som de tapa, como observado no exemplo (14) ou um som produzido como consequência de uma ação, percebido no exemplo (16) e (15), assim como utilização de africada pós-alveolar surda /tʃ/ para a representação do espirro (13). Desta forma, a utilização dos fonemas nas frases é utilizada de acordo com o evento proposto pelo narrador/contador.

3.2—A arbitrariedade dos Ideofones

Em Ikpeng, verifica-se a presença de ideofones, aqueles que propõem uma ideia, entretanto, essa ideia não possui seu significado condizente com a realidade, sendo apenas uma representação simbólica. Abaixo alguns exemplos dessa representatividade, em Ikpeng (17), (18), (19), (20) e (21), na língua Ikpeng, como aponta Matthews (1997, p. 169) ao conceituar os ideofones como uma classe distinta de formas caracterizadas pela estrutura fonológica que tende a ser peculiar aos próprios ideofones por padrões de ‘simbolismo sonoro’, estruturas reduplicadas, ou padrões tonais distintos”.

Ideofones	
Alofone [b]	Alofone [f]
Bahhhh (Som de sair)	be we we we we we we we we fow (Som de desfilar de um lado para o outro)
be we we we we we we we we fow (Som de desfilar de um lado para o outro)	Fufu (Som de pegar)
Bĩgĩng (Som da água)	Furĩk (Som de olhar)
Bĩtkĩtak Txot (Som da água se dividindo)	Rĩk furĩk (Som do olho ver)
	Fuptok (Som de pular)

Tabela 2 — Ideofones com alofones [b] e [f]. Fonte: do autor.

Portanto, considera-se que as onomatopeias e os ideofones são partes integrantes de uma língua, e afirma-se, também, que todas as línguas estão em constante variação e mudança a partir dos contatos com outros povos, pois essa (a língua) é um produto social; logo, deve-se atenção às estruturas internas e externas dessas.

Braggio (1998), ao fazer um estudo sobre os empréstimos ocorridos na língua Krahô, percebeu que ocorrem variedades resultantes do contato entre línguas indígenas (Xerente, Kaingang, Krahô e Karajá) e a Língua Portuguesa. Segundo essa autora, ainda, no contato Karajá-Português diversos itens lexicais sofrem alteração fonético-fonológica de imediato como é o caso de Marié (Maria), outros como, por exemplo, “café” que inicialmente era pronunciada com /b/ e posteriormente com /f/, uma vez que o fonema /b/ não existe na língua Karajá – casos citados pela autora. Com isso Braggio (idem, 160-161) afirma que “(...) comunidades que utilizam duas línguas no seu cotidiano, não só mudam de código no seu discurso, como emprestam de uma língua para outra por razões linguísticas e extralinguísticas”.

Em Ikpeng, em consonância a essas outras línguas, encontram-se palavras que não faziam parte do universo linguístico deles. Com os exemplos apresentados na tabela 2, observa-se que os vocábulos emprestados passaram pelo filtro da língua. Os grafemas ‘b’ e ‘f’ correspondentes aos alofones [b] e [f], consequência desse contato com outras línguas, tendo em vista que os fonemas já citados são inexistentes na língua.

Para isso, Pisani (s/d, p. 55) afirma que este empréstimo pode ser morfológico, sintático, fonético e lexical (o tipo mais comum), que, no caso da língua Ikpeng, acontece, apenas a nível fonológico. Para esse caso, ele ratifica que o ‘sistema linguístico receptor apenas acomodou ou adaptou’ em seu sistema a novidade motivada por um elemento da língua importada.

Diante disso, tal aspecto precisa ser mais estudado, pois os dados presentes em França (2017) indicam tal fenômeno, haja vista que, com o contato com europeu (português), esse laço de variação e mudança dentro língua fora (e ainda está sendo) estreita.

Como observado em onomatopeias nos exemplos (9), (10), (13) e (14), assim como a tabela 2 no qual observa-se uma aproximação fonético-morfosssemântica entre línguas (português e Ikpeng). Então, supõe-se que essa língua sofreu contato com outras línguas, adequando, emprestando certos sons ([b] e [f]) a ela, haja vista que não são pertencentes a estrutura linguística em Ikpeng.

Com relação a relação semântica dos ideofones, em Ikpeng, há um aspecto semântico, neste caso não há uma relação entre o que está escrito com o significado expresso, tal característica é importante e é ressaltada por Childs (1994 apud MELO 2007, p. 38):

Another aspect to the semantics of ideophones is their reliance on nonarbitrary relations between sound and meaning, as opposed to the conventional arbitrariness (l’arbitraire du signe of Saussure 1916) assumed to characterize language in general. In fact ideophones differ only quantitatively from the rest of the lexicon in this respect. Non-arbitrariness can be found elsewhere; it is simply more common with ideophones. Such relationships characterize only some ideophones².

Isso também é atestável na língua Ikpeng, conforme pudemos observar em nossos dados apresentados abaixo.

(27) Erolĩngmo	prui	Pĩyk	ĩna.
Ø-ero-lĩ-ngmo	prui	Pĩyk	ĩna
3-ĩr-PAS.IM-PL	som de dançar.ONOM	r	ã para

‘Eles (os amigos) foram **dançando** para (em direção) à Rã’.
(Retirado da narrativa “História de Omyo”)

(FRANÇA, 2017, p. 50)

(28) Rĩk furĩk	engnenlan	tongpen	inaktu
rĩk furĩk	engnen-lan	tongpen	inaktu
som de ver. ONOM	ver-PAS.IM	filho	morto

‘Filho, ele (o Vagalume) **viu** os mortos’.
(Retirado da narrativa “História do Vagalume”)

(FRANÇA, 2017, p. 50)

(29) Rĩk	enenglĩ	ungwo
rĩk	Ø-eneng-lĩ	ungwo

² Outro aspecto para a semântica de ideofones é a sua dependência de relações não arbitrárias entre o som e o significado, em oposição à arbitrariedade convencional (L’arbitraire du Signe de Saussure 1916) assumiu a caracterizar a linguagem em geral. Na verdade, os ideofones diferem apenas quantitativamente do resto do léxico a este respeito. A não-arbitrariedade pode ser encontrada em outro lugar: é simplesmente mais comum com ideofones. Tais relações caracterizam apenas alguns ideofones.

som de observar. ver-PAS.IM animais
ONOM

‘Ele (Paykure) viu os animais’.
(Retirado da narrativa “Origem da Flecha”)

(FRANÇA, 2017, p. 50)

Morfologicamente, na língua Ikpeng, os ideofones não apresentam o processo de reduplicação, entretanto podem sofrer prolongamentos vocálicos e consonantais, assim como as onomatopeias, possibilitando a pluralidade, a intensidade e a duração de ações nos nomes. A seguir alguns ideofones que apresentam esses prolongamentos como característica marcante.

(33) **Pooo** ga pok
som de sentar água/rio em.POSP

‘(Os amigos) **sentaram** na beira do rio’.
(Retirado da narrativa “História do Morcego”)

(FRANÇA, 2017, p. 52)

(34) **Pupalak** oterelan **tetetetetet**.

pupalak Ø-oterelet tetetetetet

som de escalar.ONOM 3-desarmar-PAS.IM som de chegar próximo.ONOM

‘Ele (o Vagalume) desarmou (o arco), escalou e se aproximou (do macaco guariba)’.
(Retirado da narrativa “História do Vagalume”)

(FRANÇA, 2017, p. 52)

(35) **Pahhh** txina

pahhh txina

som de viajar.ONOM para cá (para o acampamento)

‘Eles (os amigos) viajaram para cá (para o acampamento)’.
(Retirado da narrativa “História do Calango”)

(FRANÇA, 2017, p. 52)

(36) **Pīwī wī wī** aneplan inarutkom,

Pīwī wī wī Ø-aneplan inarut-kom

som de trazer.ONOM 3-trazer-PAS.IM irmã-GEN

‘A irmã deles (do vagalume e dos besourinhos) **trouxe** perereba (para eles)’.
(Retirado da narrativa “História do Vagalume”)

(FRANÇA, 2017, p. 52)

(37) **Puuuutxitkin** Ø-yimti-lan

Som de pular.ONOM mergulhar-PAS.IM

‘Ele (o Omyo) pulou e mergulhou (no rio)’.
(Retirado da narrativa “História de Omyo”)

(FRANÇA, 2017, p. 53)

Tal característica se dá de acordo com a intencionalidade do falante, no caso das narrativas Ikpeng, dependerá da intenção do “contador”, pois é através dela que esse enfatizará um fato ou uma ação, como observamos nos dados acima. Nesse caso, os prolongamentos vocálicos presentes em (33) e (37) prolongamento consonantal em (35) que evidenciam a ênfase das ações. Há também a presença da repetição silábica, como apontado em (34) e (36).

Observando os dados apresentados nas narrativas Ikpeng, há a existência de algumas classes de palavras que, geralmente, não se enquadram no conceito das demais, sendo assim fixas. Ou seja, não possuem algum tipo de flexão. Não podem ser consideradas como afixos - prefixos ou sufixos -, pois não possuem formas presas, de maneira que tais palavras podem possuir várias posições em um contexto discursivo, são denominadas de onomatopeias e ideofones. Tais recursos estão presentes em abundância na língua Ikpeng.

4—CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se fazer uma (re)análise do trabalho de França (2017) sobre as onomatopeias e os ideofones, assim como traçar as características dessas classes de palavras, subjacentes ao processo de inserção dos empréstimos linguísticos do português em Ikpeng, conceito, até então, não previsto na língua.

Cabe ressaltar que esta pesquisa está apenas no início. Certamente que ainda se tem mais a descobrir sobre o povo Ikpeng e o processo de manutenção da língua que lhes serve não somente como instrumento de comunicação, mas também como fator imprescindível para estar em contato com a realidade e nela inserir-se. Assim, observa-se ainda que a língua Ikpeng não está em vias de morte, pelo contrário, continua viva na fala das crianças indígenas. Logo, como resultados, percebe-se que as onomatopeias, na língua, são representações sonoras que traduzem os sons dos animais e situações que possuem ligações “reais” com o que está sendo representado. Já os ideofones, em Ikpeng, caracterizam-se por representações de situações que não trazem ligadas ao seu sentido, uma relação com o que está sendo representado; assim como ocorre nas demais línguas.

Percebeu-se, também, que as onomatopeias, no âmbito fonológico, em Ikpeng, há outra característica bastante comum, o prolongamento vocálico ou consonantal – que se caracteriza pela repetição de uma vogal ou consoante na mesma palavra e, também, pode se caracterizar por um recurso estilístico em que se repete palavras para realçar o seu significado e para realçar/intensificar a ação de algo, percebe-se a figura do “contador” que utilizou tal recurso com esta finalidade.

No que se refere aos ideofones da língua, conforme foi exposto, essas palavras se referem aos sons que não possuem correspondência com o que está sendo representado. Isso nos traz a correspondência com a teoria de Saussure (1916) sobre a arbitrariedade do signo.

Diferentemente das onomatopeias os ideofones, em Ikpeng, funcionam, em alguns casos, como categorias gramaticais no contexto oracional, possuindo assim a mesma função a que eles substituem, ou seja, podem ter funções de nomes, adjetivos, verbos e advérbios.

Percebe-se que o contato entre os indígenas falantes da língua Ikpeng e os falantes da língua Portuguesa trouxe elementos culturais que não faziam parte dos primórdios históricos do povo indígena. Com isso, os empréstimos linguísticos entraram no vocabulário Ikpeng, em específico nas Onomatopeias e nos Ideofones. Por outro lado, verifica-se também que esse contato entre povos é uma constante. Assim, esse fenômeno conseqüentemente terá uma expansão maior e seus efeitos serão sentidos além dos aspectos aqui levantados.

Logo, espera-se que este trabalho, assim como aqueles sobre as línguas indígenas, possa ter um leque de pesquisas neste âmbito, justamente pelo fato de vivermos em um país com uma pluralidade linguística bastante aflorada em sua população – não desconsiderando, portanto, as línguas indígenas.

Referências bibliográficas

ARAGON, Carolina Coelho. **Considerações sobre os ideofones e seu uso em Akuntsú**. Brasília, 2014.

BARTENS, A. Ideofones and sound symbolism. In: **Atlantic creoles**, Abstract for the SPCL, conference at the University of Westminster, Londo, June 2000, pp. 26-28.

BIGONJAL-BRAGGIO, Silvia Lucia. **Aquisição e uso de duas línguas: Variedades, mudança de código e empréstimo**. In: Revista do Museu Antropológico. Vol. 2. N. 1. P. 1-152. Jan/dez, 1998.

CHAGAS, Angela Fabíola Alves. **O verbo em Ikpeng: estudo morfossintático e semântico-lexical**. Tese (Doutorado), Campinas, 2013.

CHILDS, G. African Ideophones. In Learne Johanna Nichols & John Ohala (eds.), **Studies in Sound Symbolism**, Cambridge, University Press, 1994, p.178-204.

CRYSTAL, David. **A dictionary of Linguistics and Phonetics**. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

FORDYCE, James. **Studies in sound symbolism with special reference to english**. PH. D. dissertation, University of Califórnia at Los Angeles, 1988.

FRANÇA, Rosivaldo. **Estudo preliminar das onomatopeias e ideofones da língua Ikpeng**. Monografia (Graduação), Belém, 2017.

VOELTZ, F. K. E and KILIAN-HATZ, C. (Eds.). **Ideophones**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2001.

LEE, J-S. **Phonology and sound symbolism of Korean ideophones**, UMI. Dissertations, 1992.

LEITÃO, Renata G.C. **O “som” do silêncio: tradução/adaptações de onomatopeias e mimésis japonesas nos mangás traduzidos para a Língua Portuguesa**. 193f. Dissertação (mestrado), São Paulo, 2012.

MATTOSO CÂMARA JR, J.M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970

MATTHEWS, P. **The Concise Oxford Dictionary of Linguistics**. Oxford University Press, 1997.

MELO, Helane de Fátima Fernandes. **Ideofones: um estudo no falar paraense**. Dissertação (Doutorado), Belém, 2007.

PACHÊCO, Frantomé Bezerra. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb)**. 142f. Tese (Doutorado), Campinas, 2001.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1894.

PISANI, Vittore. **Linguistica generale e indeuropea**. Torino: Rosenberg & Sellier, [s.d.].

SAMARIN, William. "Intersubjective and intradialectal variation in Gbeya Ideophones" In **Journal of Linguistic: anthropology**, volume 1, issue 1, june, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRASK, R. L. **A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics**. London: Routledge, 1993.